

Cultura de Paz Restaurativa

Da Sombra social às inteligências sistêmicas dos conflitos

(In: *Justiça Restaurativa: caminhos da pacificação social*. Pelizzoli, M.L. (Org.). Caxias do Sul: Ed. da UCS / Recife: Ed. da UFPE, 2015.

Marcelo L. Pelizzoli¹

Conceitos básicos: Sombra, alteridade, conflitos, violência, inteligências sistêmicas, Justiça Restaurativa, cultura de paz, *pathos*, corpo, diálogo, Círculo (espaço, pertença, palavra, mundo, consciência, valores, suporte)

Introdução

Este texto perfaz um ensaio almejando uma compreensão mais profunda do tema dos conflitos e da justiça no viés restaurativo, bem como o papel da Sombra no sistema social punitivo. A defesa é de uma Cultura de Paz conectada às práticas restaurativas. Como proposta introduz os temas da inteligência coletiva, do diálogo e do círculo restaurativo como tecnologias psicossociais para a construção da paz efetiva. Levantaremos aqui, de modo didático e inovador, os conceitos envolvidos na dimensão de funcionamento dos Círculos de Diálogo, de modo que se possa iniciar a compreensão sistêmica de seu funcionamento e ao mesmo tempo alguns de seus fundamentos.

1- Violência e paz em tempos sombrios

O ideal de ressocialização dos presos mudou-se para a questão da punição, um sistema muito ligado à cultura do medo, do controle, porque hoje em dia tudo é questão de pôr na prisão; por outro lado, quantos prisioneiros ainda não estão sem julgamento? Boa parcela do sistema prisional são presos provisórios, ou prisão preventiva, isso ocorre por causa de políticas neoliberais. O sistema carcerário é um reflexo da incapacidade do Estado e do Direito nesse modelo, em que os sujeitos estão 24 horas sob vigilância do Estado e é onde todos os tipos de direitos humanos são violados; isto demonstra muito essa incapacidade de garantir condições mínimas para seres humanos que estão sob a sua tutela. Essa semana teve mais mortes nos presídios brasileiros; então, do ponto de vista racional, que modelo é este? Incapaz de garantir a vida aos sujeitos que estão sob a sua tutela, sobre os seus olhos. Não conseguem garantir integridade física, alimentação, ventilação, é uma falência séria; no entanto, falta mobilização social, porque a nossa sociedade ainda não consegue ver a humanidade nas pessoas que praticam algum tipo de crime; é uma sociedade perversa.

Para desenvolver a questão da **Sombra** de modo demonstrativo, parte-se aqui desta questão acima, discutida em cursos de formação, no tocante aos modelos carcerários punitivos. De fato, esta constatação faz parte da construção de uma “bomba social” histórica; prisões e hospitais psiquiátricos são, sintomaticamente, uma das formas com que a sociedade lida com as suas Sombras, negadas/escondidas da nossa própria normalidade-loucura. W. Reich diria que isso é fruto de uma Peste Emocional, uma patologia contaminante da nossa sociedade, que bloqueou as formas de vivências livres, corporais integradas, afetivas, bem como as expressões/potencialidades sociais da vitalidade e da sexualidade natural. Não são os presídios

1 PhD. Pós-doutor em Bioética. Prof. do Mestrado em Direitos Humanos e Mestrado em Saúde Coletiva; Coord. do Espaço de Diálogo e Reparação – UFPE. opelicano@gmail.com / www.curadores.com.br .

em si que guardam a Sombra; a patologia é o modelo de relações/sociedade que cultivamos, estruturalmente neurótico, e que reproduz/projeta a sua Sombra para o lado de fora. Assim, quando o Estado ou o chamado “cidadão de bem” vai lidar com a sua Sombra, excludente e punitivamente, o modo como lida tende a criar mais sombra; eis uma armadilha circular e reverberante.

Por outro lado, as instituições que melhor socializaram e ressocializaram pessoas são aquelas que conseguiram perceber essa violência e lidar com a sombra; conseguiram traduzir aspectos de afetividade, inclusão, socialização cultural, laboral-econômica igualmente, e de dignidade do sujeito, ou seja, fatores de inclusão da pessoa para além de seus papéis sombrios, e um tipo de aceitação do humano, das sombras do lado monstruoso do cidadão. É preciso aí haver um acolhimento inicial do sujeito, para além de sua cristalização de Sombra, até mesmo para que ocorram processos de sublimação da negatividade. O mecanismo energético e relacional humano não pode ser ignorado, se se quer ressocializar.

O modo como olhamos as coisas e pessoas determina muito dos resultados esperados. Ao se *olhar* o indivíduo infrator ou o preso como inimigo, como o lado que representa o mal, gera-se uma armadilha, pois a sombra dos que se consideram iluminados/incluídos vai parar nestes lugares, tornando-se o atrator de mais sombra, enquanto na verdade ela o é do sistema todo. Esse sistema (sociedade burguesa, por exemplo) (re)produz a sombra, e ela está dentro do corpo do sistema; alguns sujeitos a cristalizam mais, tal como os poros expressam (põe fora da pressão) os líquidos. A sociedade normatizada e que se considera *moral* vai tentar – calcada na dicotomia isoladora *bem contra mal* - aplicar essa dicotomia à situação infracional e separar os sujeitos, como se faz na política ou no futebol. Assim, **B** é considerado inimigo de **A**; mas isso pode ser uma grande armadilha e engano, como a ideia de raças melhores e piores. Sabe-se que não existe nenhuma raça como tal no planeta: somos frutos de misturas diversas. *Raça* (e etnia) é uma construção simbólica e cultural, acima de tudo. São muitas as vertentes de godos e visigodos misturados com outros ramos, que já eram misturados anteriormente; não obstante, por cima de uma complexidade biológica e histórica fala-se em “raça germânica”, ou em tronco árabe, do qual fazem parte os chamados hebreus. Pesquisas genéticas mostram que não existe etnia pura; a genética humana é misturada; não existe um gene específico da etnia; além do mais, somos geneticamente 99% macacos. Porém, faz-se uma operação discriminativa em raças, em países, e se faz também com as identidades grupais e pessoais colocando as sombras do lado de fora, na exclusão, para purificar o que se quer incluído, o seu genótipo. Isso aplica-se também fortemente na ideia religiosa do *povo eleito* - e eis que você vê em alguns religiosos dogmáticos um grau de violência sutil incorporada; eles têm uma ideia de purificação, a ideia do bem contra o mal, e aplicam essa ideia contra o Outro, legitimando assim o preconceito, a exclusão, e uma normatização da violência simbólica².

Na intenção de proteger a identidade do grupo (“genó-tipo”), projeta-se o mal no grupo oposto, no diferente; muitas vezes, a sociedade legitima o reacionarismo porque ela vê apenas o fato externo impactante de uma transgressão ou do chamado bandido ou criminoso. Na verdade, no agente trata-se da ponta do *iceberg*, um ato pontual, um redemoinho gerado pelo choque de temperaturas. Fatidicamente, o indivíduo ou grupo destinatário desta percepção sombria reagirá dentro desta mesma energia, e quando o faz, ele passa a ser considerado de fato um mal a ser combatido, “em nome da justiça”. Não se percebe aí o mecanismo da vingança e da dor funcionando como *projeção*; e há um aumento da pressão sobre as sombras humanas, que continua reverberando raiva/dor e negatividades sombrias. Os sujeitos marcados/rotulados

2 Cf. Hellinger, 2007; Pelizzoli, 2010.

passam a reagir nestes e a esses *lugares* em que foram colocados, como excluídos, e passam a desempenhar *papéis* os únicos que lhe são reservados. Forma-se assim o famoso *Bode expiatório*, o que paga pelos pecados de todos. Em tese, estes sujeitos respondem à violência sutil e simbólica (além de concretamente econômica da exclusão) com violência evidente, ou mesmo sincera, como furtar e roubar para manter-se neste modelo de sociedade, e de corrupção. Na carência, uns usam uísque importado, cocaína ou drogas sutis, com dinheiro de lucros, investimentos, bolsas ou de corrupção, outros usam *crack* ou cachaça, com dinheiro subtraído ou de tráfico. Há diferença na essência?

Surpreendentemente, evidencia-se uma “inteligência” social e um tipo de reequilíbrio de alto custo em grande parte da violência social, na medida em que as pessoas encontram formas de sobreviver ou de afirmar-se em meio ao grande cabedal de exclusões de toda ordem - vigentes numa sociedade desequilibrada estrutural e sistemicamente. Obviamente, não há – na maioria dos casos – justificativa para a violência, mas é preciso ver a teia de ações e reações que a produzem, em que não podemos esperar heroísmo ético de sujeitos em meio à loucura tornada normalidade (*normose* - a doença da falsa normalidade). *Violência* refere-se a um conjunto de ações e estados, geralmente ligados a um tipo de exclusão e sofrimento impetrados. Por exemplo, se me agrirem, sinto-me excluído da dignidade, do reconhecimento, da afetividade que me são cabíveis; sou atingido pela dor e sentimentos negativos. Isto é um tipo de exclusão do equilíbrio de que necessito. Se me roubam, há também exclusão material; do mesmo modo, se meus entes queridos são atingidos, é o mesmo sentimento que aparece. Assim se passa quando alguém que tem um histórico de exclusões sociais atinge outrem (dano, crime), na busca de suprir suas necessidades, ou mesmo por danos sistêmicos e afetivos prévios. Violência é um fenômeno complexo/sistêmico, envolvendo a vida humana de uma forma premente e encarnada.

Neste sentido, precisamos compreender as ***dimensões de violência***, para além da pontualidade dos atos violentos e da estigmatização moralizante do Bem versus Mal. Nós as tomamos em *cinco dimensões*: *Simbólica* (rótulos, preconceitos, exclusão moral, afetiva, cultural, atua na forma da percepção e olhar sobre os outros considerados sujeitos indignos, de baixo valor, inimigos, inferiores, selvagens etc.); *Estrutural* (econômica-capitalista desigual, domínio de grandes corporações, domínio político, condições de trabalho etc.); *Física* (ataques físicos, guerras, brigas, estupros etc.); *Psicológica* (pressões, ameaças, danos psíquicos a crianças e adultos, repressões morais, traumas, manipulações emocionais, abusos sexuais, educação negligente etc.); *Sistêmica* (atuações e marcas que têm como base exclusões e dores dentro de um sistema familiar, grupal, étnico, social; atua mais com dimensões de quebras afetivas, bem como em alguns distúrbios psicológicos com origem nas relações do sujeito com seus grupos de convivência; atuações da Sombra social, entre outros).

As dimensões podem estar presentes juntas, por exemplo: um estupro é algo de violação *física*, mas que pode estar ligado a motivações de danos de ordem emocional (*sistêmica*) que atingiram o sujeito que comete o ato, e que atinge uma pessoa (vítima) e um grupo na ordem das dimensões *simbólicas*-culturais, e ao mesmo tempo pode ter questões de ordem da dilapidação material e de falta de recursos (educação, possibilidades, cultura, etc.) do sujeito.

Refletindo sobre as formas acima, pergunta-se: É verdadeiro acreditar que o modelo de encarceramento punitivo vigente leva a uma recuperação dos sujeitos atingidos pela violência ou, até pelo contrário, mantém e acirra as formas de violência sobre o sujeito, aumentando os tempos sombrios?

Num entendimento profundo, sabe-se que a *violência* não é em primeiro lugar algo gratuito, nem fruto de alguma maldade ontológica dos seres humanos, nem uma vontade ou capricho dos que são “ruins”; trata-se em primeiro lugar de um conjunto de disposições e de contextos de reações e respostas (a maioria delas não bem conscientes) sistêmico-estruturais que recaem sobre os sujeitos. A saber, violência em geral é uma *linguagem*, e uma linguagem que contém uma (re)ação a um estado de necessidade gerado, e/ou marcas sistêmicas afetivas e psíquicas, e/ou à energia defensivo-ofensiva do grupo de pertença do sujeito - incluindo aqui a dimensão da Sombra³.

Quando vemos um crime, muitas vezes difícil de se entender, seria adequado olhar para mais de uma dimensão envolvida, principalmente as sutis/sistêmicas. Vale pensar, por exemplo, nas ações de terrorismo. Há dimensões simbólicas e econômicas um bocado ruins enfrentadas por certos grupos no Oriente Médio. São frutos de ações de poder (norte-americanas por exemplo) que de algum modo atingem ou intervêm na vida e cultura de certos povos, ou mesmo causam grande impacto com bloqueios econômicos, entre outras ações. Se olharmos para uma pessoa terrorista simplesmente como um psicopata, ou doente de fundamentalismo, esta avaliação não nos ajudará a entender mais profundamente as dimensões presentes na violência cometida. O rótulo “fundamentalista islâmico”, ou então “bandido”, ou “mal”, mesmo que traga algum tipo de informação, em geral fecha as portas simbólicas e sistêmicas para o estabelecimento de compreensões e possíveis diálogos. Além do mais, dá crédito e combustível ao outro para que considere o grupo que o ataca como o mal. Assim, há uma armadilha perigosa que chamo de *espiral sistêmica da violência*, que tende a crescer alimentada pela dor, vingança, vontade de matar despertada, numa verdadeira contaminação psicológica sobre pessoas e grupos.

Nesta *espiral sistêmica*, trata-se de um tipo de contaminação energética negativa, um campo emocional que aciona o *conatus essendi* (afirmação de ser) - defesa da família ou grupo – o que gera violência por meio de reações em cadeia. Estas reações são, em geral, cegas para uma racionalidade pacificadora, pois movidas por fortes zelos de grupo, patrióticos, familiares; é um tipo de cegueira emocional, guiada até por um sentido de “justiça” contra uma injustiça sofrida. Uma espiral é uma tendência ao crescimento, alimentada por alguma energia; um bom exemplo são as rixas de família, que duram por muito tempo, em que o ataque de um é combustível para a dor e vingança do outro grupo que devolverá ataque. Outro alimento de uma tal espiral é a banalização do uso da violência, que começa a fazer parte da vida mental do sujeito(s), e que não encontra arrependimento, culpa, mas *normose*. Outro fato é um trauma de violência sofrido no passado, ou eventos violentos, inclusive sofridos pela geração anterior, que pode funcionar como gatilho para uma repetição, gerando uma reação de origem sistêmica que reverbera para frente no tempo⁴. Uma espiral de violência se forma também quando, num grupo, a ética/as relações de respeito é afetada de tal modo que passa a haver um tipo de desregulamentação social crescente, em que vige a perda da eticidade, beirando à instauração de ordens sobrevivenciais autoritárias, mafiosas, fascistas ou extremamente corruptas. Uma espiral de violência pode dar-se também num ato momentâneo, em que duas ou mais pessoas iniciam uma agressão e ela aumenta sem controle, envolvendo outros indivíduos, qual um redemoinho (como em casos de linchamento por exemplo). *O sentido maior da cultura de paz é a reversão das espirais de violência e a instauração das espirais de empatia/solidariedade/amor.*

3 Cf. Pelizzoli, 2010, e Hellinger, 2007.

4 Sobre isto ver as obras de Bert Hellinger.

Atuar na seara dos Direitos Humanos, bem como da Cultura de Paz aí envolvida, pode parecer a alguns uma defesa de “bandidos”, ou uma visão pombal e etérea de paz, ou bondades religiosas, entre outras afirmações provocadoras deste tipo. Contudo, não se trataria da defesa/luta a favor das ações de pessoas que cometeram atos ruins, ou de segmentos específicos que devem ter prioridade total sobre os outros, mas da compreensão sistêmica e estrutural do que se passa numa *sociedade*, assentada em interdependência e causalidades complexas - maiores do que em geral se entende. Quando se compreende a fundo o fenômeno da violência, é possível fazer uma mudança de percepção, que é a base para a mudança de paradigma a qual servirá de base prática, teórica e de energia/clima para modificar a situação. Basta ver dados na área de segurança para confirmar que o uso da violência punitiva como resposta à violência gera mais violência. O encarceramento, a pena de morte, as reações policiais repressivas e o endurecimento autoritário reverberam mais violência, não tocando nas causas reais da mesma. Tocar as causas reais não significa mudar todas as condições, ou acabar com o capitalismo, ou então ser condescendente com o ato do infrator, mas gerar coletivamente percepções e inteligências práticas mais eficazes e humanizadoras, criar a energia da nova postura, a mudança de visão e sentimento que gera a mudança institucional.

Quando perfis reacionários, raivosos ou indiferentes à questão das lides de direitos em relação às pessoas envolvidas em atos violentos conhecem de fato a Cultura de Paz e a visão restaurativa, percebem uma filosofia prática e uma compreensão profunda das causas da violência, bem como uma série de *tecnologias psicossociais* para lidar com elas. Em geral, este é o âmbito (tanto teórico quanto de projetos sociais) em que se pesquisam e aprimoram as melhores práticas em torno do resgate social dos danos causados pela violência. Uma **paz** estrutural pode ser um desafio subversivo, perigoso, na contramão do reacionarismo de Direita que ataca boa parte dos Direitos Humanos; é uma ação libertadora e humilde; igualmente, é uma coragem afetiva, empática, que reconhece a intensa vulnerabilidade e fragilidade dos seres humanos ligados a um mesmo destino/paixão.

2 - Justiça Restaurativa – instrumento pacificador para os Direitos Humanos

A Justiça Restaurativa tem seu ápice no encontro interpessoal, portanto, no diálogo autêntico, e no que metodologicamente se chama *Círculo*, com suas variações e nomenclaturas assemelhadas. A meu ver, ela nasce do que se chama de Práticas Restaurativas, as quais são geradas no tempo como *tecnologia social* de comunidades antigas, e que são reencontradas quando da elaboração de novas tecnologias psicossociais na área de conflito, educação, saúde mental, cultura, entre outros. Há, conjuntamente, uma filosofia e um paradigma restaurativo, que faz com que ela não se reduza a modelos ou metodologias, o que exige uma percepção ou consciência mais profunda das dimensões da vulnerabilidade e interconexão humana⁵.

Tomada como instituição, **Justiça** é um conceito reducionista e sequestrado em seu sentido amplo; tomado como objeto do Direito, por mais amplo, normatizável ou filosófico que este seja, não alcança a efetividade, flexibilidade e amplitude das práticas sociais - que inclusive lhe dão sentido. A instituição Justiça, no contexto liberal de sua materialização a partir do séc. XIX, sequestrou a ideia ampla de Justiça e de práticas sociais com sua formalização, burocratização, legalismo, escaninhos jurídicos e influências advocatícias e econômicas⁶. Esqueceu-se que Justiça, *prima facie*, é um *valor*, o qual brota das dimensões gregárias e

5 Cf. Zehr, 2008; Rosenberg, 2006.

6 Cf. Pelizzoli, 2014 e 2008; Luhmann, 1980.

sistêmicas da manutenção social das comunidades. Justiça refere-se diretamente a (re)equilíbrio, às práticas sociais adequadas/justas, ao reconhecimento mútuo, ao reparar erros, restituir e restaurar. *Justiça é uma prática social institucionalizada, antes de ser uma institucionalização que molda friamente as práticas sociais.*

É esta base ética e de tecnologia social que a Justiça Restaurativa recupera e busca aprimorar em termos metodológicos. Portanto, tomado como Valor e prática social inteligente, Justiça Restaurativa equivale a Práticas Restaurativas, em termos de amplitude do termo; porém, carregado semanticamente com o conceito moderno de Justiça e de Direito, as práticas restaurativas são mais amplas e históricas do que Justiça Restaurativa, a qual tem poucas décadas de existência e na maioria das vezes ocorre dentro da esfera jurídica. Corroboramos a ideia de que a *Justiça é muito ampla para estar na mão apenas de magistrados e operadores do Direito*⁷. Trata-se, assim, de resgatar do sequestro o conceito e as práticas de justiça em sua excelência e possibilidades, para além de afirmar mediocrementemente que os modelos de justiça antigo eram da Lei do Talião e que agora somos evoluídos (trata-se de uma percepção limitada a períodos e locais em que certos povos perderam a capacidade reparadora tribal, por exemplo).

Fatidicamente, o conceito de Justiça Restaurativa – como toda inteligência coletiva/sistêmica e novo paradigma (como veremos mais adiante) – foi posto em conceito e passa a ter um lugar na semântica institucional e social, como coisa objetiva reduzida - por exemplo, um tipo de mediação judicial ou encontro entre as partes envolvidas. Mas na verdade, trata-se de um paradigma maior e complexo, que encontra seu sentido primeiro numa Cultura de Paz – a mais cara à humanidade em tempos sombrios⁸. Cultura de Paz – tal como propomos para as práticas restaurativas – é um grande guarda-chuva paradigmático e de inteligências sistêmicas para abrigar uma gama de ideias e práticas para a reconstrução da cultura e das relações sociais, humanização, efetivação da Justiça, entre outros, o que implica automaticamente o conceito de Direitos Humanos. Praticamente, não há como fugir de certos reducionismos que atingem o conceito de Justiça Restaurativa, na medida em que ela vai entrando na vida institucional; o que nos cabe é construir os espaços teórica e metodologicamente da forma mais lúcida, profunda e fiel às **práticas e inteligências sistêmicas** que lhe dão origem. É preciso dizer, em bom tom, que não se pode ter uma percepção profunda ou fiel da Justiça Restaurativa sem fazer a *experiência* (prática), sem *sentir* a energia circulante no sistema criado, e sem *conhecer* de fato do que se trata.

Hoje, a Justiça Restaurativa - apesar de seu potencial em aberto e sua complexidade e infância epistemológica – tem modelos teóricos e metodológicos com consistência, além de estarem em uso com eficiência reconhecida⁹. Ao lado de teorias e metodologias, e como paradigma, a JR compõe um movimento social (“militância”), uma rede crescente que busca implementar de modo concreto a Cultura de Paz/Direitos Humanos e resgate social e ético em áreas sombrias produzidas por nossa sociedade - consubstanciadas na palavra violência. Este é um fator contagiante, pois em geral as pessoas envolvidas perceberam o esgotamento do sistema de controle social, buscam novos conhecimentos e técnicas, e são tocadas pela força da inteligência sistêmica restaurativa, com seu potencial de transparência, afetividade, dignidade,

7 Egberto Penido apud Slakmon, 2005.

8 Pelizzoli, 2008 e 2009.

9 Ver Prudente, 2013; Grecco, 2014; Pelizzoli, 2014.

reconhecimento da vulnerabilidade humana bem como as capacidades regenerativas dos seres humanos.

Uma **Cultura de Paz Restaurativa**, que tem nas práticas restaurativas (e assim no *Círculo de diálogo e paz*) o seu ápice, resgata e reproduz o mundo gregário; quando estamos neste cenário aparecem os valores fundamentais da nossa vida, como por exemplo, aquilo que mais desejamos socialmente, o que é mais importante para um sujeito, como nos conectamos com a (nossa) humanidade. Então, começamos a reproduzir os fundamentos do mundo interpessoal; assim, num encontro, eis que o sujeito vai olhar para o lado e ver sua mãe, um parente, um amigo, ou um outro sujeito com motivações e desafios parecidos com os seus. Numa base mais emocional que racional, ele vai sendo “pro-vocado” a se conectar com os valores; no fundo, o sujeito não desejaria cometer o ato violento como fim em si mesmo. Ele buscará, pois, expressar, e tentar entender o que não estava sendo visto (pois agora tem o olhar, a dor e a responsabilização vindas de outrem). Aquele ato violento que ele encontrou como viável na situação, será percebido como inadequação; suas necessidades são levadas em conta, sua palavra, e o próprio fato de que uma pessoa que cometeu atos violentos, para fazer isso, precisou transgredir os interditos sociais, gregários, familiares, para assim perpetrar o ato. Outra questão a colocar é: O que se passa quando uma pessoa comete um ato criminoso? Quais necessidades envolvidas? Frustrações? Vontade de dominar/eliminar? No momento do encontro/círculo ela talvez possa sentir e perceber o que a levou a fazer aquilo e, quando percebe, pode tomar consciência. Esse é um ganho, o início de uma restauração; se ele não tem esse sentimento, não conseguirá perceber e angariar isso; fica muito difícil quando não há arrependimento real e percepção da dor causada ao outro.

Muitas pessoas poderão achar que o mundo é violento, “é assim mesmo”, um “mundo cão”, em que cada um é totalmente separado do outro, e que um merece mais do que o outro, e tantas outras imagens mentais “a-páticas”. Trata-se aí de uma desconexão com a realidade social, em que não se consegue ver o outro (e a si mesmo) no plano humano. A conexão com sua humanidade é fundamental para o agressor; a vítima também é convidada a fazer isso consigo e com os outros, porque ela tem que olhar para o outro (agressor) e perceber a armadilha em que ele entrou, e o contexto em que ele atua. Lembremos do tipo de perguntas que é feito em Círculos restaurativos: O que aconteceu no momento que você fez isso? Qual foi seu sentimento no momento? Como isto o atingiu? O que fazer para reparar as coisas? Essas perguntas têm uma lógica otimizada; quando isso é trazido, tenta-se mostrar para os sujeitos a humanidade escondida dos envolvidos, e confrontar o porquê de se cometer algo ruim se se deseja, no fundo, valores fundamentais, e se depende um do outro, e os atos têm consequências a serem respondidas e assumidas. Ademais, há uma energia de interconexão ou até cura no círculo que não cabe em palavras.

Tudo mundo “quer ter paz”, mas por que essa paz é rompida demasiadamente? Por que o equilíbrio é rompido? Muitas vezes não vamos ter as respostas, devido à complexidade da vida. Alguém matou uma pessoa que não queria entregar seu tênis num assalto. É um absurdo e gravidade evidente este assassinato. Não obstante, isto não deve nos eximir de entender o que se passava na mente e no contexto do que matou, e pensar em que tipo de fracasso social nos metemos como sociedade. Quando analisamos por mais algum ângulo, vemos que o tênis é um passaporte social, algo quase sagrado num modelo de sociedade capitalista objetificada. Mesmo que seja difícil ponderar sobre o outro que comete danos, devido à raiva e a uma gama de sentimentos dolorosos suscitados, é preciso perceber as dimensões humanas criadas (ou desumanas e monstruosas em nossa vida social) e buscar despertar dimensões de

responsabilidade e de peso pela gravidade do fato cometido. Quando se vai mais a fundo, pode-se encontrar um sujeito dilapidado socialmente, e excluído *ab ovo*, atingido na alma. É certo que os processos restaurativos exigem que se tenha um grau razoável de socialização ainda presente, pois esse sujeito/agressor precisa acessar a vergonha, a culpa, o arrependimento, a conexão, e querer resgatar/pagar (como mostra exemplarmente a obra *Crime e castigo*, de Dostoiévski); se isso ocorrer, há um grau de solidariedade a surgir, e um resgate de humanidade. A presença ou o apoio de pessoas da comunidade são chaves para abrir o resgate. E quando se percebe o reino de loucura, dor e vulnerabilidades humanas criados para além de nossos maiores/melhores desejos, surge a necessidade de superar a impotência, que vem como sentimento de não poder mudar as coisas ruins, ou de não poder evitá-las de modo amplo.

Quando se percebe e sente realmente uma pessoa na situação de precisar roubar, ou de usar *crack*, ou de entrar em muitos conflitos negativos, começamos a ver uma série de contextos de desenraizamento, desumanização; surge aí, em geral, a busca por humanizar e modificar a situação; e por que tentamos humanizar/modificar? Porque é uma tendência humana ontológica, ligada à empatia, afetividade, conexão, ao lado de outras tendências também substanciais como a vontade de eliminar, ou de vingar e punir. São as dimensões positivas e de regeneração potencial dentro dos sujeitos que devem ser olhadas em primeiro lugar se queremos de fato um resgate social da violência, se queremos mais paz.

Diferentemente da visão retributiva dominante na esfera da Justiça, em que vige uma prática opositiva, e do Estado monopolizando a punição, bem como uma perda da dimensão comunitária dos malfeitos, na visão restaurativa busca-se a “reintegração na comunidade daqueles que criaram uma situação de ruptura e dos outros que, afetados por um conflito, se sentiram oprimidos na fluidez de suas relações sociais, evitando-se revitimizações; mas também a reintegração preventiva, vale dizer, a prevenção contra processos de exclusão e de marginalização, através de políticas inclusivas, que evitem estigmatizações e permitam a tomada das pessoas em sua inteireza, não pelos atos cometidos ou por determinada característica de comportamento, de raça, etc.”¹⁰

Para atuar com Direitos Humanos precisamos ter motivações que vão além da lógica da normose ou da racionalidade burguesa excludente, e além do bem e do mal, verdadeiras armadilhas reducionistas. A solidariedade entre as pessoas não é, em primeiro lugar, uma escolha racional, mas brota do potencial e do desenvolvimento de valores humanos, como a empatia e compaixão. O convite da Cultura de Paz como a entendemos¹¹, em especial da Justiça Restaurativa para os Direitos Humanos, é o resgate da socialidade, empatia, do diálogo, encontro, da subjetividade, e afetividade, entre outros. Os Círculos Restaurativos, por exemplo, buscam formar um sistema inter-humano não dicotômico, inclusivo, equilibrado; dentro deste sistema podem circular e serem acolhidas sombras, emoções como raiva, medo e culpa, e erros, ferimentos, rompimentos. Circula, acima de tudo, o que chamamos de força de agregação, a força de conexão, que tem vários nomes, por exemplo: compaixão (*pathos*), empatia, compreensão e acolhimento.

Assim como há tendências humanas orientadas pela *vontade de matar*, muito presente no modo ataque-defesa (que lembra o mecanismo “ataque e fuga”), quase como um *conatus essendi* - uma força de afirmação do próprio ser/grupo - existe na mesma ordem de potência ontológica a

10 Melo, 2008, p. 32.

11 cf. Pelizzoli 2008, 2010 e 2012.

capacidade gregária. Numa compreensão sistêmica, o sujeito não é um indivíduo primeiramente, ele é natureza, ele é família, ele é o sistema. Deste modo, as *tecnologias psicossociais* resgatam características da *sociabilidade ontológica*.

3 - Inteligências coletivas/sistêmicas¹²

Alguns se perguntarão: Como superar a violência? Num sentido total, ela não se dissolve nunca, até porque a agressividade e o conflito fazem parte da vida social e da dimensão de interesses e identidades; o que se busca é diminuir os graus de violência, neutralizar e reparar os malfeitos. Mas, ao mesmo tempo em que a violência é *pontual*, é também *estrutural*, como apontam autores da dimensão política ou sociológica. Mas precisa-se trabalhar com as dimensões de violência mais profundas, como a **sistêmica** (e também a psicológica) que tem a ver com as questões da Sombra e de ordem psicossocial e cognitivo-emocional. As análises da violência estrutural não têm visto bem esse nível (psicossocial), que é a base de motivação das subjetividades. O lado “bom” da dimensão sistêmica é que nós só estamos vivos porque existe a conexão (em grau maior: amor), porque existe a doação, e isso a gente muitas vezes não contabiliza, até porque a violência chama muito a atenção. Estamos vivos porque há dar e receber, solidariedade e conexão; as comunidades humanas estão constantemente operando com *inteligências coletivas*, que são meios criativos de sustentação, agregação, manutenção social, intervenção coletiva, e que fazem a gente poder estar aqui e sobreviver. Quando elas fracassam, é algo como um estado de precariedade, ou de guerra fria ou quente.

As *instituições* em geral são criadas com esta motivação, como o hospital, a escola, a Igreja, em cima dessa dimensão de solidariedade, de valores, da conexão dos sujeitos para que possam coexistir no mundo. Qual a “boa nova” trazida pela Cultura de Paz Restaurativa? Não se precisa inventar a roda, mas trabalhar com inteligências comunitárias/sistêmicas, fazendo as pessoas tenderem à pacificação desejada, ao resgate, à reparação, a uma nova vida social, porque é isso que nós temos ontológica e constitutivamente. Não se trata de uma criação artificial, mas de acessar inteligências eficazes, as fontes de onde vertem os empreendimentos coletivos, os mesmos que fazem, por exemplo, funcionar uma empresa social; é uma inteligência coletiva que a gestiona, mais do que o dinheiro; os empreendimentos funcionam porque têm um alto grau de envolvimento de energia humana.

A solidariedade é uma inteligência coletiva das comunidades, das religiões, das famílias; quando ela é rompida isso é sentido como ameaça, e há uma busca por reparar e recriar os laços para retomar o equilíbrio dessa inteligência; isso é algo que movimenta as ações sociais, de vizinhança, colaborativas, associativas. A restauração, o Círculo, são constructos de inteligência coletiva, os quais buscam resgatar sujeitos que sofrem com algo ou sujeitos que erram; resgatar o sujeito e evidenciar para aquela microcomunidade/grupo o nível de desagregação presente - a ponto de um de seus membros agir de modo danoso.

¹² O conceito de *inteligência coletiva* tem uma história longa, que poderia remontar à Platão quando fala em pampsiquismo, uma mente comum na natureza/vida; mais tarde a Durkheim, que toca em uma representação coletiva que se originam nas comunidades a partir de uma semiologia comum a todos; mais tarde e especificamente, na sociobiologia e na ciência política, chegando às dimensões organizacionais. Na área informacional temos o livro *Inteligência Coletiva*, de Pierre Levy (Loyola, 2007) O termo inteligência sistêmica é utilizado recentemente já na área empresarial e organizacional; por outro lado, temos também a Constelação Familiar Sistêmica, vinda de B. Hellinger.

Mas, por que há tendências positivas neste sentido/direção? Segundo filósofos indianos como R. Tagore e J. Krishnamurti, o que motiva a vida humana é a alegria. Alegria não é apenas algo pessoal que diz *estou alegre*; alegria é expansão vital; tem a ver com o que Jung chamava de *crescimento*. Crescer faz sentir-se adequado em meio à (em superação da) desadequação; é o bem da vida, é uma satisfação existencial mesmo tendo algum sofrimento. Sob opressão, eu não cresço bem; se eu sofro violências constantes, isso bloqueia meu crescimento. Crescimento tem a ver com o que Freud chama de *prazer*; prazer, neste sentido, é um índice de adequação da vida animal e social; também ocorre quando o sujeito participa de uma inteligência coletiva positiva, cada um no seu papel, e todos crescem, fazendo aquilo que é adequado e bom.

Estas disposições e valores, no Círculo, estão subjacentes. Quanto ao sujeito da infração, ele quer a felicidade (como dizia Aristóteles e também Buda), ele quer escapar do sofrimento; porque junto ao tênis que foi roubado há uma simbologia, uma aceitação social, por onde ele pode ser visto e reconhecido; muito frequentemente é assim nos casos da infração juvenil. Deste modo, começamos a ver as necessidades por trás das ações, e o que aquele sujeito mais quer por trás do ato; e, quando a família se faz presente, ele vai sentir a inadequação, e vai sentir o quanto faltou aquilo na família, uma ruptura do fluxo adequado da vida, da alegria, da satisfação, do prazer.

As inteligências coletivas geram novos *paradigmas*, como a filosofia prática da Justiça Restaurativa; e o geram como patamar de mudança de teorias e de práticas em um determinado tempo. Elas constituem o *Zeitgeist*, o espírito e a vanguarda de um tempo; em geral, acabam por encontrar oposições e posições acomodadas - fato explicado por Kuhn referente aos períodos de revolução, em vista de que muitas vezes o tempo não está preparado para as mudanças necessárias¹³. Muitos respondem à crise com reacionarismo, conservadorismo, autoritarismo, fundamentalismo, ou então, com artificialismo, futurismo tecnológico, maior objetificação, na tentativa de acirrar o *controle* social. Não obstante, o tempo passa por cima de todas as fixações, bem como a natureza não se deixa dobrar ao controle tecnológico humano.

São as inteligências sistêmicas que geram as **tecnologias psicossociais** – como meios hábeis, métodos e movimentos em torno do resgate, da promoção e transformação dos sujeitos na busca de sua emancipação, cura, reconexão, criação coletiva. É um fato interessante e positivo que elas não tenham propriamente um dono. Um bom exemplo são as contribuições da psicanálise de um autor do porte de Freud. Por mais que se saiba de sua pesquisa pessoal e sua genialidade, há um histórico que o compõe sem o qual não haveria Freud; e se não houvesse Freud a constituir algo como a Psicanálise, alguém apareceria neste papel, tanto que ela tem vários filhos recriadores com nuances diferentes do pai. As inteligências coletivas operam principalmente em momentos de crise e de criatividade necessários para resolver problemas humanos substanciais; do mesmo modo, um ser vivo na natureza evolui, muda e adapta-se para sobreviver. A Justiça Restaurativa mostra-se como uma potente inteligência coletiva, e tem no diálogo autêntico o seu ápice; além do mais, compõe um forte aspecto evolutivo necessário ao modelo de Justiça vigente.

4 - O Diálogo como inteligência coletiva

Além do certo e do errado existe um espaço. Somente nele nos encontraremos.
(Krishnamurti)

13 PIM, apud Pelizzoli, 2009.

O diálogo é a tecnologia social mais avançada na história da inteligência humana. Para haver diálogo, o que se precisa? O primeiro fundamento: *Ouvir*. A escuta real, plena, é algo raro. A Psicanálise tomou esse conceito como fundamental, onde o papel do psicanalista não é “curar” o outro mas sim escutar e perguntar. A Psicanálise usa a inteligência coletiva do diálogo, que é aquela que Gadamer e Krishnamurti evocam quando alguém te escuta verdadeiramente: algo em você se transforma. Para se nomear algo como diálogo deve haver a base: a escuta. Mas o que tem dentro da escuta? Tem uma das coisas mais difíceis para os sujeitos inquietos fazerem nos dias de hoje, que é a *presença* e a *atenção* envolvida nela. A escuta traduz algo da presença; sem a capacidade de presença atenta a pessoa não consegue ouvir, não consegue ficar no próprio corpo e mente; na medida em que não está presente a si, não estará presente ao outro; por isso que a presença e atenção é o ponto fundamental da escuta.

A escuta funciona junto com a capacidade de atenção, a qual tem a ver com disposição e foco da consciência, porque é uma qualidade e função da consciência. Você está atento a um ponto/algo que está acontecendo, ao que está ouvindo? São termos que se encaixam dentro do escutar, da presença, que funciona junto com a consciência e atenção, bem como um tipo de *silêncio* imprescindível. É como a música, em que sabemos que o intervalo entre as notas – silêncio - é tão importante quanto o som. O que o silêncio faz? A fala tende a preencher e definir (dar fim), fechar os espaços abertos; o silêncio recolhe e abre, no aspecto da escuta; quando há muitos pensamentos/falas e você está preso a esses pensamentos ou a algo que está sendo falado, não há silêncio, não há pois recepção suficiente. Mas quando você pára e percebe que há um silêncio, aí começa haver presença e atenção, e a escuta aparece mais adequadamente. Certamente não estamos falando aqui do silêncio da perda da palavra e do desempoderamento do sujeito, até porque este não é um silêncio real, mas doloroso.

Portanto, o primeiro pilar do diálogo é a escuta; parece simples, como deixar os ouvidos abertos, mas não é, porque exige a presença/atenção. Por que comumente as pessoas não conseguem ficar presentes? Por que a consciência delas está inquieta, faltando cultivar a atenção, desacelerar e dar espaço mental, faltando meditar, apreciar o silêncio; ou a consciência está condicionada pela dor e pelas negatividades. A atenção comumente está desfocada; porém, quando ocorre de conseguir perceber sua fala interior, emoções e mente, quando se consegue fazer algum silêncio, esse silêncio abre *espaço*. Na abertura de espaço há uma possibilidade de ouvir o outro, de conversação. Assim, o que ocorre no Círculo, no Diálogo? Uma abertura de espaço; espaço de significação, espaço do ouvir, em que algo importante pode aparecer e ser acolhido. Por quê? Porque há espaço para os sujeitos, para suas dores e para suas inteligências sistêmicas. Se simplesmente separamos vítima e agressor, não existirá este espaço e encontro; se eu não os escuto, não haverá espaço para aparecerem as coisas que realmente incomodam e que precisam de reparação. Assim, é necessário investir no diálogo, ter uma escuta e presença no que o outro diz, proporcionando uma abertura e o aparecimento das coisas guardadas.

Quando há uma escuta real, algo ocorre dentro daquele que está sendo ouvido, e do que está ouvindo também; por que acontece algo nesta *relação*? Há aqui uma mecânica complexa funcionando; podemos limitadamente dizer que funciona porque existe algo como a ativação de um sistema, e em muitos casos algo como a *aliança terapêutica*. Quando alguém escuta verdadeiramente, e se conecta com o outro, é como se acolhesse e reverberasse com o outro, no reino humano sistêmico em que todos temos questões similares. Há uma correspondência no nível da energia mais do que nas palavras racionais que o outro está trazendo. Esta é a base da conhecida *empatia* (e da simpatia) “sentir dentro do outro”, semelhante à “com-paixão”, na sintonia com o sentir humano. Inclusive a *transferência* – palavra mágica na Psicanálise – tem a

ver com isto. Empatia é uma palavra potente, porque indica entrar na dimensão do sofrimento humano que é a dimensão que mais chama a atenção e nos incomoda, uma sensibilidade básica. Quando se entra nessa energia sente-se algo do nível pático (*pathos*), afetivo; mas para isso é preciso ter antes aberto o espaço, dispondo-me com a presença que compõe o escutar. Precisa-se do cultivo da capacidade de ouvir, é preciso que se abra o espaço no meu pequeno mundo para a *alteridade*, mesmo que este espaço possa representar uma ameaça à própria identidade. Do mesmo modo, para receber algo do outro, é preciso também alguma capacidade de acolhimento e do “abrir mão de”.

Gadamer, em seu significativo texto “Sobre a incapacidade para o diálogo”, observa que esta incapacidade é um bloqueio do sujeito, uma repressão, uma questão existencial ligada às minhas concepções e relações; o filósofo refere-se também a Freud, no tocante ao “que é a análise?”, como sendo algo como uma recuperação da capacidade para o diálogo. Recuperação porque a pessoa não está conseguindo ouvir; e ela não está conseguindo fundamentalmente ouvir a si mesma - ter capacidade de diálogo tem a ver com escutar a si mesmo! O modo como eu olho o outro tem a ver com as minhas questões cognitivo-emocionais, os condicionamentos, as crenças, expectativas; assim, para eu olhar para o outro eu devo perceber como eu olho e desejo o mundo. Portanto, a capacidade para o diálogo exige, hermeneuticamente, uma autocompreensão do sujeito; assim, eu me vejo naquela situação do outro sujeito, eu busco olhar como o outro está vendo. Isto tem a ver com a abertura de espaço com o próprio eu e com o outro, para as questões importantes surgirem, bem como a raiva, o medo, os desejos.

Qual é o outro pilar do diálogo, o seu motor para movimentar/funcionar? É a *pergunta*. Em uma boa pergunta, o sujeito pode cair em si, dar-se conta. Para a hermenêutica filosófica, as perguntas abrem, e as respostas fecham; perguntas certas vão ao coração e no ponto delicado do sujeito, da dificuldade. Podem quebrar imagens (*eidos* – ideia) congeladas e preconcebidas. Um contexto criado pode muito bem ser um *pretexto* (como exemplo: por que muitas vezes as pessoas brigam? Porque precisam disso, como pontos fracos a serem superados, resposta à frustração, etc.). A pergunta abre e dá movimento, não deixando estagnar-se na dominação do objeto conhecido e na domesticação da alteridade infinita. Como uma pessoa sabe se você está interessado ou não numa conversa? Pelas perguntas feitas (ou não feitas); as vezes a pessoa está com sono ou cansada e não pergunta nada, mas quando ela está interessada fica atenta e perguntante, inclusive para confirmar se o que ela entendeu é correto. Deste modo, o interlocutor sente o acompanhamento, porque o outro está tentando ver se é assim mesmo como ele entendeu; assim, aciona-se o fluxo. Evidentemente, as perguntas não podem ser retóricas, ou seja, armadilhas lógicas, afirmações veladas, ou críticas veladas, pois não são perguntas de fato, mas bloqueios ao diálogo e ao encontro. Quando se trata, no encontro, de um vencer o outro, não haverá diálogo, mas sim disputa, retórica, estratégias egoícos, tergiversações. Do mesmo modo, quando se interpõe julgamentos morais ou de valor, há um bloqueio do diálogo. As práticas restaurativas e as soluções de conflitos admitem apenas julgamentos de fato, exposição fiel de acontecimentos, e não de valor ou morais.

Eis a síntese da mecânica do Diálogo, escutar e perguntar; se não houver um desses elementos não se pode usar a palavra *diálogo*, não está correto tecnicamente. Diálogo se pode usar realmente quando existe essa troca (*dia*), com a escuta, o interesse/conexão e abertura da pergunta.

5 – Rede conceitual em torno das práticas restaurativas – o círculo

Para traçar algo destas dimensões, pretende-se agora elaborar uma *síntese de conceitos essenciais* que gravitam em torno das Práticas Restaurativas, com ênfase no encontro do Círculo. Trata-se de traçar uma lista de palavras-chave indicando uma rede discursiva que nos possa dar a noção do que ocorre em termos de fundamentos e de prática social inteligente que fazem com que estas metodologias tenham eficiência e potencial de transformação notáveis.

Podemos resumir os conceitos no que segue: **Conflitos** (identidade-alteridade), **Sombra** (violência), **inteligência sistêmica** ou coletiva (tecnologias psicossociais), **mundo** (reconstrução/restauração), **abertura/espço**, **Campo** (e Centro), **Pertença**, **Palavra** (Diálogo, empoderamento), tomada de **Consciência**, **Valores** (aprendizagem social), **tendência ao equilíbrio/solução**, **Suporte**, **Pathos** (sentir). Eles incluem outros conceitos e todos formam uma rede discursiva que nos pode orientar para o que acontece na dimensão circular restaurativa. Sobre o conceito de Sombra, bem como o de Conflitos e o de Inteligência sistêmica, e o de Diálogo, nosso texto já explanou, vejamos os outros.

O *círculo restaurativo* reproduz e reorganiza um **mundo** para o sujeito; cria uma metáfora de agregação e que dá um lugar social – em uma *rede* - ao sujeito que foi violentado ou violentou. A metáfora tem muito poder, algo arquetípico, porque nós funcionamos de forma metafórica - a vida é conduzida por dimensões simbólicas, operamos culturalmente (e por imagens primordiais) sobre a realidade. Opera-se sobre uma metáfora que reconstrói o mundo do sujeito e traz elementos afetivos e responsabilizadores rompidos, por meio da configuração circular da palavra. Como o sujeito tem a predisposição de ligação, da interconexão, que ele recebe para ser sujeito, e precisa ser alguém no coletivo/gregário, a sociabilidade tende a aparecer, pois é ontológica e constituirá a identidade no sujeito a ser resgatado. Todos os seres, as pessoas, habitam em correlação, correspondência/codependência; elas não existem isoladamente. Por exemplo: O que sou eu sem pai, mãe, amigos, sem os aspectos orgânicos, sem ambiente, sem o alimento, sem ideais? Os círculos restaurativos vão trabalhar estas percepções na forma de valores e atratores - dimensões que são fundamentais para a vida humana, em geral, a família e a comunidade. É por isso que são chamados ao encontro personagens e elementos da família e da comunidade, pois eles vão reproduzir aquilo que foi rompido. Olha-se para estes fatores e se fenomenalizam as exclusões e inclusões através da *palavra*, dos sentimentos, do empoderamento, trazendo e reforçando o que foi esquecido, os laços – e são esses laços rompidos primordialmente que tem a ver (são afetados) com o crime e a transgressão. A ideia de restaurar um mundo para e com o sujeito pressupõe assim o despertar das capacidades e dos valores gregários e do Campo inter-humano; portanto, não se trata de reinventar a roda. Em nosso mundo conturbado do capitalismo moderno, acabamos por nos afastar de conexões de equilíbrio e afetividade conosco mesmo e com os outros; há, pois, uma necessidade premente de parar, encontrar, recentrar nosso coração e nossa mente¹⁴.

Já aqui aparece a ideia sistêmica da circulação do *Pathos*, sentir intenso, afetividade, paixão, entendidos como momento de acesso a dimensões humanas as mais profundas que são partilhadas a partir dos desafios da vida como busca de felicidade e afastamento do sofrimento. O *Campo* humano, acima de tudo, é movido pelo *Pathos*, não por valores econômicos, racionais, ou frios, mas pelo Desejo, pela Vontade, pela dor, pela (com)paixão¹⁵. As suas lutas, conquistas (pelas quais as vezes ele morre e mata), as coisas acumuladas, os erros, a dor causada, a frieza apresentada, assentam-se sobre a dimensão primeira do inter-humano, a “com-paixão”, que não

14 Cf. Pranis e Boyes, 2011, em especial págs. 266 a 279.

15 cf. Pelizzoli, 2003.

tem a ver com pena nem com piedade, mas com entrada cognitivo-emocional incorporada no drama, desafio e paixão de ser humano. Se assim é, faz-se necessário perceber que vivemos intensos bloqueios quanto à sensibilidade, empatia, vulnerabilidade, afetividade, compaixão, provavelmente como modo precário ou defensivo de sobreviver numa cultura doentia.

Cabe dizer que existem duas formas páticas essenciais de ligar-se a alguém: *amar* ou *odiar*. Amar ou odiar faz com que os objetos do desejo ou da aversão façam parte do pensamento, de intenções, palavras, mobilizando energia emocional em grau considerável. Dar-se conta disso passa a ser essencial para a existência saudável.

Empatia e solidariedade são termos-chave na socialidade humana; trata-se substancialmente de reconhecer-se no outro, entrar no reino humano da vulnerabilidade e agregação. *Paixão, empatia, simpatia, compaixão, patologia, apatia*, têm todos a mesma raiz, *Pathos*. A solidariedade é algo que traz a força da solidificação no âmbito das interconexões; é um valor que existe como tendência inata no ser humano, o qual monta uma família, o qual vai se agregar e que precisa do outro para sobreviver. Assim, a Cultura de Paz, o Círculo, resgatam essas dimensões de solidariedade, e introduzem um mundo metafórico que tem efeito real no sujeito - ao fazer a experiência dessa solidificação, dessa interconexão, dessa empatia. De alguma forma, isto traz a possibilidade de recuperar a dignidade dos sujeitos que sofreram, a vítima primordialmente, e o agressor. Aquele que é vítima, numa vitimologia mais profunda, está perpassado pela vergonha, pela raiva e pelo medo, vergonha diante do outro, porque ele sofreu; culpa, e vários sentimentos que vão gravitando e gerando impressões. E no agressor também há vários sentimentos, tanto que, quando ocorre uma reparação/restauração, em geral o agressor vai sentir vergonha, e ela é um crivo de que existe um superego, o qual se preocupa com os efeitos de suas ações¹⁶. Quando não há mais um superego atuante, há algo de patologia; sem superego não se sente mais vergonha, ameaçam-se os laços de solidariedade; quando eles estão em alto grau de degradação, eis uma das piores sombras que a sociedade produziu, são seus monstros, psicopatas (em geral com bom uso da razão e estratégias de mercado); não obstante, este sujeito é fruto da sociedade, a normose faz parte desse sujeito; esse monstro é algo nosso.

No encontro inter-humano circular e dialogal, podem vir à tona elementos bloqueados, os quais os sujeitos não têm oportunidade de compartilhar e dar sentido, ou remediar. A abertura do **Campo**¹⁷ de energia no círculo, como ocorre em algumas tecnologias psicossociais sistêmicas, é o que permite aos elementos do *Pathos* virem à tona. Mesmo antes das pesquisas de R. Sheldrake sobre Campos Mórficos, sabe-se que grupos e comunidades humanas se orientavam por forças gestadas dentro do seu campo intuitivo comum. Montar um centro comum em meio às diferentes pessoas e perspectivas, colocando ali elementos importantes para as pessoas do grupo, criando dinâmicas neste processo circular que buscam encontrar o centro dos valores humanos dos participantes, seus *core*, é um dos modelos muito bem elaborados por Pranis (2011).

Habitamos um campo comum, seja ele pensado fisicamente, magneticamente, energeticamente, psiquicamente. Sheldrake “cunhou a ideia atual de campos mórficos, ou de ressonância. É como se houvesse uma memória comum e relativamente acessível dentro de determinados campos de forças, ou relações, no caso. Seria como uma mente ampliada, *extended mind*. É útil lembrar aqui como os animais e o homem também tem o que chamamos de instinto para saber lidar com os desafios; nosso corpo ou natureza já sabe de muitas coisas antes de

16 Cf. Goleman, 2001.

17 Sobre isto ver Sheldrake, 1994; Pelizzoli, 2010.

racionalizarmos. Uma criança ou bebê desenvolve capacidades e disposições familiares, sociais e de inteligência em geral de uma forma extremamente rápida, e quase que automaticamente. A relação entre plantas e animais, o próprio uso das plantas, a relação com o clima, sem falar de disposições como a intuição, são algumas das provas de que há um campo que ressoa coletivamente.”¹⁸

No círculo, na restauração, é este campo que se busca deixar atuar. Dentro dele, o passado e os ausentes também atuam, na medida em que não são apenas objetos num mundo físico que já passou, mas participam de uma dimensão psíquica e energética, dentro da *psique* dos vivos mormente. Se pensarmos em termos de Campo, veremos que ali deve haver um tipo de tendência à homeostase, ou seja, de equilíbrio dinâmico, e portanto algum tipo de ordem, manutenção. Na questão familiar, as Constelações Familiares falam em “ordens do amor”, do dar e receber, dos bloqueios e dos fluxos que visam adequar-se ao campo familiar criado. Quando formamos uma nova família ou grupo, abrimos um outro campo que interage com campos anteriores de cada uma das pessoas. Assim, podemos pensar sobre a dimensão do rejeitado e da cultura de paz. Rejeitar, excluir, traz sempre algum desequilíbrio no Campo¹⁹.

Este Campo pode ser pensado e sentido como tendo direções, e fundamentalmente direções ao **Centro**, a pontos de equilíbrio. Não é gratuita a expressão “estar centrado”, não apenas porque a roda gira melhor, mas porque gravitamos em torno de valores, sentimentos e paixões fundamentais de nossos grupos/famílias/filiações. Usar elementos metafóricos para representar este Centro é uma inteligência sistêmica antiga, percebida nas diversas mandalas e círculos simbólicos antigos. Jung chega a constatar que o círculo e o centro são as imagens fundamentais do *Self* nas comunidades humanas antigas. É bastante compreensível a função simbólica dos diversos centros usados nos círculos de Kay Pranis, como um eixo para onde convergem os olhares em pé de igualdade, ou como o fogo no centro do grupo circular antigo. Trata-se também ali de uma marcação de todo começo, um outro tempo, o *ab ovo*; igualmente, a rememoração de uma *unio mystique* circular²⁰.

Para que o Campo se abra, e de algum modo possa ser encaminhado a um Centro, a uma solução, a um diálogo transformador, é necessário que haja a Abertura de **Espaço**. Note-se que numa situação de conflito doloroso, em que imperam emoções poderosas como raiva e medo, há uma tendência forte ao fechamento, ao bloqueio defensivo ou mesmo traumático - fruto não apenas dos acontecimentos danosos mas do histórico da vida desafiadora de um sujeito. O fechamento, envolvendo a dureza, a negação, sentimentos de que “o mundo é contra mim”, ou ainda de que preciso combater o outro, tirá-lo do meu caminho, castigá-lo, punir e vingar para me sentir melhor, entre outras disposições corpóreo-mentais e de linguagem, este fechamento impede sobremaneira qualquer diálogo e comunicação real consigo e com os outros. Neste sentido, quando no Círculo se fala em abertura, e se usam elementos de acolhimento, de contar histórias pessoais, usar músicas, poemas, meditar, usar símbolos, trazer vulnerabilidades e transparências, ocorrem no sentido de abrir os espaços fechados e trazer conexão.

O fechamento, que impede perceber a humanidade do outro, tanto sua fragilidade quanto os possíveis valores e as potencialidades que ele pode desenvolver, tem uma raiz não apenas

18 Pelizzoli, 2010, págs. 13-32.

19. Cf. Hellinger 2007 e Pelizzoli, 2010.

20 Cf. Jung, 1964.

cognitiva, mas emocional. Neste sentido, um encontro, para que abra o campo restaurativo, precisa ser um lugar não apenas de acesso a sensibilidades, mas também um *espaço seguro*, em que haja algum estabelecimento de familiaridade, de aceitação do outro como outro, mesmo tendo em vista a aplicação de responsabilizações e obrigações relativamente a quem cometeu delitos.

Em geral, os sujeitos, principalmente aqueles que sofrem mais por nosso modelo excludente e estruturalmente violento, não têm direito real à palavra; eles não são vistos como tal, há uma cegueira branca em relação a certas pessoas; elas simplesmente *não existem para nós*. Ética, social, restaurativa e humanamente, trata-se, portanto, de *dar nascimento social* às pessoas excluídas, o que equivale a dizer: perceber e ser tocado de fato por um Rosto/alteridade²¹. Isto equivale a despertar no incluído e no excluído, nas vítimas, nos ofensores - que muitas vezes assumem papéis diversos durante a vida - despertar o sentido da **pertença**, para além dos rótulos sociais. Para isto, é preciso superar também uma estrutura arcaica presente ainda em nossas sociedades: a do *bode expiatório*; trata-se de um mecanismo simbólico e excludente, que faz a Sombra coletiva ou o mal-estar dos grupos recaírem sobre os indivíduos mais frágeis, ou então rebeldes, ou estranhos, ou “pervertidos”. Os mecanismos de Sombra, Bode Expiatório, bloqueios de sensibilidade e de conexão, perda de percepção de outrem precisam ser solvidos para que possa haver um encontro salutar e um diálogo real, com a Abertura do Campo de Pertença.

Há uma forte tendência humana a pertencer, a fazer parte de famílias, amigos, grupos, redes. Esta tendência é retomada na visão e prática restaurativa, com a reconstituição de mundo, num espaço seguro e acolhedor, com a circulação da palavra e do sentido para as coisas e acontecimentos; ao mesmo tempo aparece o aspecto responsabilizador (responsabilizar é também *dar nascimento social* e importância a alguém, diferente de vingar e punir).

Abrir espaço, perceber o outro, sentir o grupo/familiaridade, ouvir verdadeiramente e ser ouvido tende a gerar tomada de **Consciência**, uma entrada na sensibilidade do Campo e a possibilidade de algum centramento, palavra, acolhimento, e a fundamental responsabilização. A capacidade de tomar consciência, no sentido moral (*gewissen*) e não apenas racional (*bewusstsein*), é fundamental na socialização humana. O que se abre na restauração é a percepção e a sensibilidade, operando juntas em função da mudança ética (relacional, conectiva), de comportamentos, realçando redes de manutenção da dignidade dos sujeitos. Em geral, a tomada de consciência desperta no sujeito que cometeu atos violentos sentimentos como o de arrependimento e vergonha, ou mesmo empatia, e a obrigação de fazer algo (reparar). Daí a necessidade humana tão premente de pedir desculpas, pedir perdão, arrepender-se e tentar mudar²².

Observe-se que uma das técnicas indicadas por Boyes & Pranis (2011) para as práticas restaurativas são processos de *atenção, concentração e meditação*. Cremos que esta é uma chave importante para abrir espaço na desconexão e aceleração patológica dos sujeitos em relação a si

21 Cf. Pelizzoli, 2002 e 2003.

22 Para tanto, é preciso que o sujeito tenha ainda algum grau de socialização e sensibilidade para que seja despertada a consciência ética. Daí também a importância de projetos de resgate social e familiar dos sujeitos excluídos socialmente. Por outro lado, as piores situações são as de psicopatia social, mais comum em indivíduos considerados cidadãos, entre eles os que têm poder econômico e político sobre os demais.

mesmo e a seus semelhantes, bem como é um momento de reflexão (dobrar-se) e consciência. Outra tese que defendemos é que alguns processos meditativos feitos em conjunto contribuem para abrir o Campo mórfico de conexão e centramento dos sujeitos que o praticam. Além do mais, tais processos trazem algo fundamental para a vida humana e para a restauração: o **silêncio**. Ouvir verdadeiramente, como mostramos, envolve a entrada no silêncio; de igual modo, tomar consciência é escutar vozes não ouvidas ou, ainda, desapegar-se de certos hábitos negativos e das coisificações, o que exige algum silêncio interior²³.

Assim como há a tendência citada de pertencer, há uma **tendência** inata nos grupos humanos de chegar a um equilíbrio depois do desequilíbrio, ou seja, **à restauração**. Até porque, como mecanismo de sintoma, as rupturas, exclusões e danos são em geral sentidos de modo doloroso, e reverberam por mais tempo do que pensamos, reverberam de modo até intergeracional²⁴. O círculo, na nossa avaliação, utiliza sutilmente esta tendência inter-humana, quando convida as pessoas aos diálogos e aos encontros. Por vezes, não são necessárias muitas ações e palavras para que se encontre uma “solução”; apenas pelo fato de conseguir abrir a palavra, dar espaço, ouvir verdadeiramente e expressar de modo não violento os problemas, encontram-se soluções inesperadas e não muito distantes. A tendência à solução deve ser um valor e confiança com os quais os facilitadores, educadores e operadores jurídicos devem sempre levar consigo, acreditando igualmente que a justiça brota da sabedoria ancestral e das inteligências coletivas humanas, e não do ato de julgar, ou de procedimentos e escaninhos os mais tecnicamente avançados.

É bem provável que o grande desafio das práticas restaurativas não esteja apenas no âmbito da mudança para as comunidades operarem justiça, mas para o sistema Judiciário, em sua sacralidade empoderada, burguesa e burocrática, abrir espaços neste modelo arcaico retributivo, punitivo-vingativo e pouco eficiente. Por outro lado, sistêmica e estrategicamente, não cabe adotar uma energia e atitude ofensiva e alérgica com os que se opõem às propostas emancipatórias em pauta, direitos humanos e cultura de paz, pois assim se repete o mesmo tipo de energia em que os sujeitos em pauta estão presos. É necessário atuar com os possíveis valores positivos, as necessidades e demandas que atuam por trás dos indivíduos que se opõem ao que está em tela. Por vezes, trata-se apenas de reconhecimento, validação de seu papel e de seu grupo, adotando uma atitude de inclusão do outro, mesmo propondo um tipo de atitude e procedimento diferente. Lembremos que os sujeitos têm, em geral, grande dívida encarnada e até cega a seus grupos de pertença e seus modos de ser (institucionalizações), o que dificulta a abertura ao novo.

Operar no âmbito da Restauração é, eminentemente, recuperar e atualizar **valores** fundamentais citados acima quanto à dimensão gregária e compassiva dos sujeitos. Somos guiados, mesmo que não de todo racionalmente, por valores aprendidos, ou seja, por coisas que valem muito para nós. Afora os valores materiais evidentes para a manutenção da vida, temos uma série de necessidades e conquistas que nos são caras. Elas têm muito a ver com a cultura, personalidade e caminhos existenciais que o sujeito tomou. Aí, é o seu mundo que entra em jogo. Para entendê-lo, preciso entrar um pouco neste mundo (empatia), tendo como parâmetro o fato de como são para mim importantes os valores que escolhi; ao mesmo tempo, a percepção da diferença e da semelhança de valores, o que faz com que ingressemos na disposição da humildade e abertura à alteridade. Reconhecer o outro não exige concordar com suas ideias e

23 Cf. Pelizzoli, 2010a e 2012.

24 Hellinger, 2007.

atitudes, mas sim perceber a legitimidade de suas tentativas de ser feliz e escapar ao sofrimento, bem como de seus valores positivos, e de como estruturou seu mundo – em geral para sobreviver como pode.

Valores humanos essenciais, numa visão Ética geral, são: as relações familiares, a amizade, o respeito, a confiança, o amor, a generosidade, a solidariedade, a compaixão, a liberdade, a dignidade, o zelo, condições materiais de vida, educação, saúde, lazer, espiritualidade, mas também, corrigir os erros, ser acolhido, pacificar as relações, entre outros. São os mesmos valores que nos cabem aqui destacar para serem trazidos ao Círculo.

Na brevidade do momento, cabe ainda citar o conceito de **suporte**, o qual constitui não apenas pessoas nos processos circulares, mas parte essencial do Campo, do resgate do sentido de pertença, da responsabilização, e remontam ao sentido conectivo humano já falado. Para sermos sujeitos, tivemos de receber algum suporte, por pior que este tenha sido. Igualmente, nos mantemos vivos apenas porque temos pessoas, objetos e elementos naturais que são o suporte “de cima a baixo” de nossa vida. Não apenas a Terra, o alimento, a água e a respiração são suportes, mas os pais, os companheiros, as pessoas que nos prestam serviço, os professores, os amigos. Não há sujeito sem o apoio. Nos procedimentos restaurativos, a presença ou a representação de suportes torna-se a base para a reparação e soluções vindouras. Muitas vezes, o Estado, como um dos suportes importantes da cidadania hoje, não cumpre seu papel de sustentar, de dar apoio, reparar, cuidar; e, menos ainda a “iniciativa privada” o faz. As institucionalidades e pessoas que operam com as Inteligências Coletivas assumem algo deste papel e precisam influenciar as políticas públicas em direção a uma justiça social e a uma garantia de direitos verdadeira.

Os Círculos de Diálogo e Restaurativos visam ainda obter o importante *Acordo*; mas também, buscam algo de aprendizagem do *cordis* neste encontro que busca acordos; a compreensão do mundo em *desacordo*; o papel de crescimento e dos frutos de dor dentro dos conflitos; a aprendizagem social; a necessidade – vergonhosa – de ter de fazer os sujeitos humanos renascerem para a sociedade; olhar compassivamente para as Sombras que atingem o todo social. Trata-se de uma inteligência coletiva sensível, criativa, que aposta na afirmação da vida, que em meio à lama vê a possibilidade de brotar uma ninfeia ou lótus. Em meio aos apagamentos virtuais de rostos humanos, em meio ao simulacro, descaso e descrédito nos modelos políticos no capitalismo, as Práticas Restaurativas são uma luz entre tantas outras a iluminar os tempos sombrios.

Bibliografia

BRANCHER, L. (Org). *Paz restaurativa: a paz que nasce de uma nova justiça – implementação da JR como política de pacificação social em Caxias do Sul*. Caxias do Sul: TJERS, 2014.

GADAMER, H-G. “Sobre a incapacidade para o diálogo”. In: GADAMER, H.G. *Verdade e método II*. RJ: Vozes, 2002.

GRECCO, Aimée at al. *Justiça restaurativa em ação*. São Paulo: Dash, 2014.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. SP: Objetiva, 2001.

HELLINGER, Bert. *Conflito e paz – uma resposta*. SP: Cultrix, 2007.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. RJ: Nova Fronteira, 1964.

KONZEN, Afonso Armando. *Justiça restaurativa e ato infracional: desvelando dentidos no itinerário da alteridade*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

LUHMANN, Niklas. *Legitimação pelo procedimento*. Tradução de Maria da Conceição. Brasília. UnB, 1980.

_____. *El arte de la sociedad*. Trad. de Javier Torres Nafarrate. México: Herder, 2005.

MELO, E.R.; YAZBEK, V.C.; EDNIR, M. *Justiça restaurativa e comunitária em São Caetano do Sul*. São Paulo: Sec. dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2008.

PELIZZOLI, Marcelo L. (org.) *Cultura de Paz – restauração e direitos*. Recife: Ed. da UFPE, 2010.

_____. (org.) *Cultura de paz: alteridade em jogo*. Recife: Ed. da UFPE, 2009.

_____. “Fundamentos para a Restauração da Justiça”. In: PELIZZOLI, M.L. (Org). *Cultura de paz – educação do novo tempo*. Recife: Ed. da UFPE, 2008.

_____. “A importância da Justiça Restaurativa”. In: Cardoso F.; Luna, M.J.M.; Galdino, M.F.S. (orgs.). *Cultura de Paz: Gênero, sexualidade e diversidade*. Recife: EDUFPE, 2014.a

_____. “Círculos de Diálogo: Base restaurativa para a Justiça e os Direitos Humanos”. In: *Direitos humanos e políticas públicas*. Silva, Eduardo F., Gediél, José A. P., Trauczynski, Silvia C. Curitiba: Universidade Positivo, 2014. 432 p.

_____. “O sujeito: paixão e pathos”. In: SOUZA, R.T. (Org.) *Éticas em diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, (p. 337-364)

_____. *Homo ecologicus*. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

_____. *Ética e meio ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PELIZZOLI, Marcelo L. e Sayão, S. (Org.) *Diálogo, mediação e práticas restaurativas - cultura de Paz*. Recife: Ed. da UFPE, 2012.

PRANIS, K. & BOYES-WATSON, C. *No coração da esperança. Guia de práticas restaurativas*. Porto Alegre: TJE-RS/AJURIS, 2011. (ver em pdf)

PRANIS, Kay. *Processos circulares*. SP: Palas Athena, 2012.

PRUDENTE, Neemias M. *Justiça restaurativa: marco teórico, experiências brasileiras, propostas e direitos humanos*. Florianópolis: Bookess, 2013.

ROSENBERG, Marshall. *Comunicação não-violenta*. São Paulo: Ágora, 2006.

ROLIM, Marcos. *Justiça Restaurativa: para além da punição*. In: *Justiça Restaurativa – um caminho para os direitos humanos?* Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2004.

SLAKMON, Catherine; VITTO, Renato de; PINTO, Renato Gomes (Org.). *Justiça Restaurativa: Coletânea de artigos*. Brasília: Ministério da Justiça e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2005.

SHELDRAKE, Ruppert. *Seven experiments that could change the world*. Londres: Fourth Estate, 1994.

VASCONCELOS, Carlos Eduardo de. *Mediação de conflitos e práticas restaurativas*. São Paulo: Método, 2008.

ZEHR, H. *Trocando as lentes: novo foco sobre crime e justiça*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

ZEHR, Howard. *Justiça Restaurativa*. SP: Palas Athena, 2012.

WACHTEL, Ted; O'CONNEL, Terry; WACHTEL, Ben. *Restorative justice conferencing. Real justice and conferencing handbook*. Bethlehem, Pennsylvania: Int. Inst. Res. Practices, 2010.

www.justica21.org.br

www.curadores.com.br